

## ***Trilha do saber: uma análise discursiva sobre a Educação Integral no município de Contagem/MG***

### ***Knowledge Trail: a discursive analysis of Integral Education in the city of Contagem/MG***

**Jerusa Campelo de Freitas**<sup>1</sup>

**Luciana Aparecida Silva de Azeredo**<sup>2</sup>

**Paula Cristian de Oliveira da Silva**<sup>3</sup>

**Resumo:** Este artigo, recorte de uma pesquisa de mestrado em andamento, objetiva analisar dizeres oficiais, proferidos pelo Sub-Secretário de Ensino do Município de Contagem/MG, em entrevista transmitida ao vivo pela plataforma do YouTube em 14 de julho de 2021, sobre o documento *Trilha do Saber*. Um documento orientador para o planejamento de atividades remotas. Para isso, utilizaremos conceitos da Análise do Discurso (AD) de vertente francesa, de base Pecheutiana e os construtos de Heterogeneidade Mostrada e da Heterogeneidade Constitutiva, da linguista Jacqueline Authier-Revuz. Nosso *corpus* de análise foi inteiramente transcrito e foram quantificados os usos dos pronomes pessoais “eu”, “nós”, “a gente” durante a entrevista. Em seguida, foram selecionados alguns excertos da entrevista que continham essa classe gramatical, para que analisássemos a Heterogeneidade Marcada e Constitutiva e o “assujeitamento” presente no discurso. Portanto, esta análise partiu do pressuposto que existem formações ideológicas materializadas nas falas do enunciador ao apresentar o documento. Um discurso marcado pela própria heterogeneidade de seus lugares de fala, em que este traz concepções de individualidade, alternadas por uma representação do coletivo. Isso posto, compreendemos que as escolhas trazidas pelo enunciador, seja pela repetição dos termos pronominais, seja pelas escolhas adjetivadas ou pela decisão (in)consciente das palavras utilizadas, nos mostrou que seu discurso pode representar um todo, um coletivo, mas, primeiramente, este representa a sua ideologia. E, a forma como esse discurso movimentou os efeitos de sentido de seu lugar de fala, o tornou uma prática ideológica, visto que não há discurso isento de ideologia.

**Palavras-chaves:** Discurso; Ideologia; Sujeito; Heterogeneidade Discursiva.

**Abstract:** This article, part of an ongoing master's research, aims to analyze official statements, uttered by the Sub-Secretary of Education of the Municipality of Contagem/MG, in an interview broadcast live on the YouTube platform on July 14, 2021, about the document Knowledge Trail. A guiding document

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Ciências da Educação pela Universidade Nacional de Rosário (UNR), Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), Pós-graduada no curso de Especialização em Linguagens, Tecnologias e Educação pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), licenciada em Letras Português/Inglês e em Geografia; ORCID 0000-0001-7749-7236; jesusacampelo@gmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela Universidade São Francisco (bolsista CAPES), com estágio Pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do CEFET-MG. Mestre em Linguística Aplicada, especialista em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Estrangeira, licenciada em Letras Português/Inglês e em Pedagogia; ORCID 0000-0003-3709-2597; luazeredo@gmail.com

<sup>3</sup> Especialização em Gramática e Ensino: teoria gramatical e abordagens contemporâneas pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), licenciada em Letras/Literatura; ORCID 0009-0009-8362-6124; oliveirapaula473@gmail.com

for planning remote activities. For this, we will use concepts of Discourse Analysis (DA) of French origin, based on Pecheutism and the constructs of Shown Heterogeneity and Constitutive Heterogeneity, by the linguist Jacqueline Authier-Revuz. Our corpus of analysis was fully transcribed and the use of the personal pronouns “I”, “we”, “we” during the interview was quantified. Then, some excerpts from the interview that contained this grammatical class were selected, so that we could analyze the Marked and Constitutive Heterogeneity and the “subjectiveness” present in the discourse. Therefore, this analysis was based on the assumption that there are ideological formations materialized in the enunciator's statements when presenting the document. A speech marked by the very heterogeneity of its speech places, in which it brings conceptions of individuality, alternated by a representation of the collective. That said, we understand that the choices brought by the enunciator, whether by the repetition of pronominal terms, either by the adjective choices or by the (un)conscious decision of the words used, showed us that his speech can represent a whole, a collective, but, first, this represents your ideology. And, the way this discourse moved the effects of meaning from its place of speech, made it an ideological practice, since there is no discourse free of ideology.

**Keywords:** Speech; Ideology; Subject; Discursive Heterogeneity.

## 1 Introdução

Este trabalho é um recorte de uma pesquisa de mestrado em andamento, um importante pontapé inicial na investigação proposta. Assim, para a análise do *corpus* discursivo, selecionamos uma entrevista feita com o Sr. Anderson Cunha<sup>4</sup>, atual Subsecretário de Ensino do Município de Contagem/MG, na qual foi apresentado o Trilha do Saber, documento orientador para a educação do município durante a pandemia de Covid-19. A entrevista<sup>5</sup> encontra-se disponibilizada, de modo público, pela plataforma do YouTube, no canal do Sindicato dos Professores de Minas Gerais (SINPRO/MG).

Ressaltamos que a entrevista possui duração de 1h.54'06'' e foi transmitida ao vivo pela plataforma do YouTube em 14 de julho de 2021. O Subsecretário de Ensino do Município de Contagem/MG, Sr. Anderson Cunha, foi entrevistado pela Sra. Valéria Morato, que é a atual presidente do Sindicato dos Professores do setor privado de Minas Gerais e do SINPRO/MG. O modelo de entrevista foi apresentado pela entrevistadora como parte do círculo de conversas “O Brasil quer viver” que, segundo Morato, tem por objetivo promover um amplo debate sobre

---

<sup>4</sup> O Sr. Subsecretário de Ensino será referenciado nas análises deste artigo como enunciador e não por seu nome pessoal, pois consideraremos seu discurso sob a perspectiva da representação do cargo que ocupa.

<sup>5</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=LeIzIU0pv1k&t=361s&ab\\_channel=SinproMinas](https://www.youtube.com/watch?v=LeIzIU0pv1k&t=361s&ab_channel=SinproMinas). Acesso em: 20 jul. 2022.

o retorno seguro das aulas presenciais e reconhecer as diversas propostas de ensino, feitas durante a pandemia de Covid-19.

Sendo assim, a principal proposta deste artigo é analisar os dizeres do Subsecretário de ensino, na entrevista, contemplando a apresentação do documento Trilha do Saber. Para isso, utilizaremos ferramentas teórico-analíticas da Análise do Discurso (AD) de vertente francesa, mais especificamente, os construtos de Heterogeneidade Mostrada e da Heterogeneidade Constitutiva, da linguista Jacqueline Authier-Revuz. Desse modo, os efeitos de sentido evocados e as formações discursivas serão identificados na materialidade linguística dos recortes discursivos (RD) selecionados, e analisados sob a perspectiva do entendimento do discurso como um processo de significação, perspectiva na qual se relaciona o sujeito e o(s) sentido(s) na língua por intermédio da história; considerando, assim, as condições de produção e o contexto em que esses discursos e os sujeitos envolvidos estão inseridos (ORLANDI, 2009).

## 2 Aporte teórico

Para fazermos a análise proposta, de forma sucinta, procuraremos traçar alguns conceitos básicos sobre discurso, enunciação, ideologia, formação discursiva, interdiscurso e suas implicações na constituição do sujeito do discurso, a partir de posicionamentos teóricos de Brandão (2009), Orlandi (2009), Pêcheux (1990) que, a nosso ver, favorecem a compreensão do funcionamento do discurso e como este produz sentidos. Para análise do *corpus*, utilizaremos os conceitos teórico-metodológicos de Authier-Revuz (1990), Heterogeneidade Constitutiva do e no discurso e a Heterogeneidade Mostrada, que se subdivide em Marcada e não Marcada.

Por meio do estudo do discurso na linguagem, compreendemos como nos comunicamos, interagimos e nos “assujeitamos” ao discurso do outro, pois entendemos que “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido” (ORLANDI, 2009, p. 17).

O conceito de discurso trazido pelo filósofo francês Michel Pêcheux (1990) pode ser entendido como efeitos de sentido entre interlocutores sócio-historicamente determinados. Esses efeitos de sentido do discurso são possíveis porque acontecem no processo de interação entre o enunciador no momento do enunciado, por meio de um texto verbal ou não verbal. Outra concepção fundamental, para a AD é o conceito de sujeito. Para Pêcheux (1990), o sujeito é atravessado pelo inconsciente, dividido, e é também um sujeito ideológico, visto que somos

interpelados pela ideologia, sem nos darmos conta disso, pois os processos ideológicos acontecem na língua e pela língua.

No entanto, para o senso comum, a fala discursiva pode ser entendida como uma naturalização dos sentidos, algo que é feito de forma natural, óbvia, unívoca, e espontânea, diferentemente do que é compreendido na AD. Ademais, para a Análise do Discurso de vertente francesa, as palavras estão sempre permeadas de inúmeros sentidos, pois a posição que o sujeito ocupa no enunciado aponta para sua ideologia, seu “assujeitamento”. Segundo Pêcheux (1990), todo discurso pode ser desconstruído, revisitado, repensado e ressignificado já que, em sua constituição, é atravessado pelo inconsciente e pela ideologia.

Nesse viés, um sujeito transmite sentidos de diferentes formas, seja pelo seu discurso, seja por seus gestos, ou seja, por suas próprias escolhas, pois não há controle absoluto sobre os sentidos que são produzidos em cada situação de enunciação. Dessa maneira, o conceito de Formação Discursiva (FD) é de extrema importância para esta análise, visto que é aquilo que pode e deve ser dito em um determinado contexto (PÊCHEUX, 1990). Assim, para Brandão (2009), as formações discursivas são modos de dizer próprios, algo particular do sujeito, a materialização do discurso pela formação ideológica, é o “já dito”, constituído em determinadas condições, que faz circular formulações enunciadas anteriormente.

Pêcheux (1990) concebe as formações discursivas sob a égide do materialismo dialético. Elas atuam relacionadas e dependentes de uma formação ideológica. Para este autor, as formações discursivas determinam aquilo que pode e deve ser dito dentro de uma formação ideológica dada, e é definida por meio do interdiscurso. Podemos conceber que é por meio do interdiscurso que o funcionamento da ideologia, em geral, interpelando indivíduos em sujeitos, se realiza. O interdiscurso constitui aquilo que determina o discurso do sujeito e, no processo discursivo, é reinscrito no próprio sujeito (SIQUEIRA, 2017). Ancoradas nessas concepções, podemos afirmar que uma formação discursiva pode ser atravessada por várias outras, via interdiscurso. Assim, a formação discursiva traz a inquietante dicotomia do sujeito que perpassa por sua constituição linguística e seu contexto sócio-histórico de formação, trazendo a fala de um “outro”, em seu discurso (SIQUEIRA, 2017).

Ainda nessa perspectiva dos interdiscursos presentes nos discursos, destaca-se também a grande contribuição teórica dos conceitos de Heterogeneidade Mostrada e Heterogeneidade Constitutiva, introduzidos no campo da Linguística, pela linguista francesa Jacqueline Authier-Revuz. A supracitada autora, para definir os dois tipos de heterogeneidade, retoma tanto os

estudos do Círculo de Bakhtin quanto os da Psicanálise, a partir de Lacan (AUTHIER-REVUZ, 1990).

Assim, para Authier-Revuz (1990), a Heterogeneidade Constitutiva é aquilo que é próprio, que está presente e que não se pode separar, é formulada pelo Interdiscurso, o “já dito”, diferentemente da Heterogeneidade Mostrada, a qual se divide em Marcada e Não Marcada.

A Heterogeneidade Mostrada Marcada é explícita no discurso e traz várias formas de polifonia, em que o enunciador possui a clara intenção de separar sua voz da voz do outro e construir sua própria identidade discursiva, isto é, o sujeito, ao agenciar algum tipo de Heterogeneidade Mostrada Marcada, possui a ilusão de poder controlar o “outro”. Já a Heterogeneidade Mostrada Não Marcada não é explícita e está presente no discurso como algo interpretável, mas não representado, porém susceptível de ser identificado devido aos “já ditos” (AUTHIER-REVUZ, 1990).

Desse modo, para Authier-Revuz (1990), as palavras são sempre palavras dos outros, que permitem a representação destes outros no discurso, de modo consciente ou inconsciente, por meio de um sujeito clivado, dividido, cindido. Assim, é importante percebermos as concepções de sujeitos que são trazidos pela autora, e que abarcam também o campo da enunciação, para que possamos interpretar nossa análise.

Para Authier-Revuz (1990) o sujeito clivado, dividido e cindido são formas de conceber o sujeito a partir das múltiplas posições que ele ocupa no discurso. O sujeito clivado se divide em duas partes, uma que é objeto e outra que é sujeito da ação ou do discurso. Essa divisão pode ocorrer, por exemplo, quando o sujeito se vê como objeto do olhar ou da opinião do outro, ao mesmo tempo em que mantém sua própria perspectiva como sujeito que fala ou age. Já o sujeito dividido se apresenta como duas vozes ou posições distintas dentro do discurso, em que cada uma delas expressa uma perspectiva diferente do sujeito. Isso pode ocorrer quando o sujeito fala em nome de uma comunidade ou grupo, ou quando ele se apresenta como tendo opiniões ou posições conflitantes dentro do discurso. E, por fim, o sujeito cindido se divide em duas partes opostas e excludentes, em que cada uma delas expressa uma posição absoluta e irreconciliável do sujeito. Isso pode ocorrer, por exemplo, quando o sujeito se vê em uma posição de conflito ou oposição com o outro, em que cada um defende uma posição contrária e incompatível com a outra (AUTHIER-REVUZ, 1990, 1998). Em suma, para Authier-Revuz, essas diferentes formas de conceber o sujeito apontam para a complexidade e a multiplicidade

de posições que podem ser ocupadas no discurso, e que podem afetar a construção e a percepção da identidade do sujeito.

Portanto, o sujeito no discurso é complexo e multifacetado, que emerge a partir das práticas discursivas e das relações de poder que se manifestam na linguagem. Não se trata tampouco de uma figura unificada e coesa, mas sim uma figura que pode se dividir, se clivar ou se cindir, conforme as diferentes posições e papéis que ele ocupa dentro do discurso (AUTHIER-REVUZ, 1990,1998). Assim, é necessário entendermos que, no discurso, fazemos tanto escolhas conscientes quanto inconscientes, dentro de uma perspectiva ideológica, como forma de reproduzir sentidos que são trazidos por diferentes contextos.

Contextos estes que são percebidos pela AD, em que o discurso não é apenas uma forma de comunicação, mas também uma prática social e ideológica que reflete e (re)produz relações de poder e de dominação. Por isso, a análise do discurso não se limita ao estudo das estruturas linguísticas, mas se preocupa em investigar as condições de produção destes discursos, sejam históricas, sociais e ideológicas em que esse discurso é produzido e recebido, e que apresentamos no próximo tópico.

### **3 Condições de produção**

AD procura compreender os sentidos produzidos pelo/no contexto social, histórico e ideológico, relacionados com o seu objeto de estudo, que é o discurso, ou seja, a palavra em movimento. Desse modo, as condições de produção do discurso compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação, ou seja, as relações do discurso, o sujeito do discurso e as relações sociais que constituem todo o processo discursivo podem delinear trajetórias de sentido (BRANDÃO, 2009).

Dessa maneira, as condições de produção para a AD são construídas ao longo do tempo em uma perspectiva sócio-histórica e ideológica, que, por sua vez, irão fazer parte da construção do sentido discursivo. Esse conceito pode ser pensado em âmbito estrito, conforme aponta Ferreira (2001) sobre as condições de produção.

São responsáveis pelo estabelecimento das relações de força no interior do discurso e mantêm com a linguagem uma relação necessária, constituindo com ela o sentido do texto. As condições de produção fazem parte da exterioridade linguística e podem ser agrupadas em condições de produção em sentido

estrito (circunstâncias sócio-histórico e ideológico), segundo preconiza Orlandi (1999). (FERREIRA, 2001, p. 13).

Partindo, portanto, do princípio de que os sujeitos não podem estar separados de sua conjuntura social, histórica e ideológica, será feita uma breve contextualização tanto do momento histórico da criação do documento *Trilha do Saber* quanto das condições de produção da entrevista, base importante para a análise empreendida.

Desde os primeiros meses do ano de 2020, todos nós vivenciamos uma grave crise sanitária, em escala global, que assolou países de diferentes continentes, sem distinção, países desenvolvidos, emergentes ou subdesenvolvidos, preparados ou não para enfrentar a pandemia causada pelo novo Coronavírus, a Covid-19 (Organização Mundial da Saúde [OMS], 2021).

Desde então, vários setores da sociedade foram diretamente impactados, inclusive a área da educação. Escolas e locais públicos foram impedidos de executar suas funções e atividades presenciais, pois havia a necessidade do isolamento social, como medida de proteção e controle de contaminação da doença. Assim, as escolas entre outras diversas atribuições que lhes são imputadas, como espaço legítimo de aprendizagem, socialização, alimentação, segurança e cidadania, deixaram de exercer esse papel tão salutar para os estudantes em formação, de forma presencial, ao se implantar o sistema on-line durante a pandemia.

Desse modo, os alunos sofreram com a desigualdade de oportunidades, de aprendizagem e com a dificuldade ao acesso à educação, pois, desde o início desse processo, houve muitas dúvidas e incertezas em como lidar com a situação. Esse fator contribuiu ainda mais para a evasão escolar no seguimento educacional não presencial, visto que muitos alunos não tinham acesso ao sistema on-line por falta de equipamentos e/ou conexão à internet, ou não possuíam conhecimento adequado para a utilização das plataformas disponibilizadas. Em decorrência, temos observado também uma aparente perda na aprendizagem, o que pode impactar de forma negativa no percurso educacional desse aluno e em sua vida pessoal a médio e longo prazo.

Além de todo esse cenário educacional concernente aos estudantes, precisamos compreender também a situação profissional docente, o entendimento do que é o papel do professor em seu atual desafio, em que ele precisa desenvolver “novas” linguagens e ferramentas, especificamente digitais, para possibilitar e intermediar o processo de aprendizagem discente. Contudo, esse aprimoramento profissional não pode estar atrelado somente às questões tecnológicas, pois, conforme propõe o antropólogo argentino Canclini

(2013, p. 293), “os sentidos das tecnologias se constroem conforme os modos pelos quais se institucionalizam e se socializam”.

Dessa maneira, os desafios profissionais docentes se multiplicaram desde a pandemia, já que, além das funções já tradicionalmente institucionalizadas, o professor necessitou ampliar, ainda mais, seu campo cognitivo e o emocional. Desafios se impuseram como, por exemplo, a dissociação de seu ambiente físico de trabalho — a sala de aula, a utilização de recursos próprios, como internet, celular, computador e outros materiais didáticos.

Acrescenta-se a dificuldade de desenvolver e adaptar atividades, metodologias ativas, que eram feitas somente de forma presencial e que, naquele momento, conseguissem ser, de fato, acessíveis e instigadoras para os alunos. Ademais, há a disparidade do domínio tecnológico por parte dos profissionais docentes (e também discentes), aliada a sentimentos, como medo, insegurança e ansiedade, que geraram (e geram) um enorme desconforto e dificuldades para conduzir esse processo, porque, entre outros, sabíamos quando a pandemia se iniciou, mas não tínhamos a certeza sobre em que momento realmente se findaria/se findará.<sup>6</sup>

Diante dessa realidade, tornou-se necessária uma “nova” práxis pedagógicas que emergiu no campo educacional e, com ela, enormes desafios, que se estabeleceram tanto no perfil profissional docente exigido quanto nos recursos disponíveis para sua execução. Ademais, a interseção entre a Educação presencial com a virtual — reconhecida como Ensino Híbrido, já categorizado e utilizado por alguns profissionais — mostra-se, neste período temporal, como uma grande tendência e até mesmo uma necessidade (HORN; STAKER, 2015; BACICH *et al.*, 2015).

Isso posto, diante desse cenário, o que se evidencia é que a vida mudou, continuará a mudar e a se reformular conforme caminhamos nesta condição de (pós-)pandemia e os resquícios que dela permanecem/permanecerão. Assim, como forma de tentar amenizar as perdas educacionais e propor uma forma de trabalho que mais se ajustasse ao momento na cidade, a Prefeitura Municipal de Contagem/MG, juntamente com a Secretaria Municipal de

---

<sup>6</sup> Esta pesquisa está sendo realizada desde agosto/2021 e, no período de escrita deste artigo, foi declarado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) no dia 5 de maio de 2023 “o fim da emergência em saúde pública de importância internacional por Covid-19. Entretanto, isso não significa que a Covid-19 chegou ao fim enquanto ameaça global de saúde”, anunciou o diretor-geral da OMS, Tedros Adhanom Ghebreyesus. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2023-05/oms-declara-fim-da-emergencia-em-saude-por-covid-19>. Acesso em: 07 maio 2023.



Educação (SEDUC) e a Subsecretaria de Ensino do Município, elaborou o *Trilha do Saber*, um documento orientador para o planejamento de atividades remotas.

Esse documento contém 67 páginas e é dividido em cinco partes, que tentam contemplar a Educação Básica do município — Educação Infantil, Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos (EJA) — e que, segundo a Secretária de Educação Telma Fernanda Ribeiro e o Subsecretário de Ensino Anderson Cunha Santos, tem como objetivo:

Assegurar os princípios da formação integral dos sujeitos educandos garantindo a autonomia das escolas e respeitando as práticas pedagógicas das equipes gestoras pedagogas e pedagogos, professoras e professores e demais profissionais das instituições da Rede Municipal de Ensino (TRILHA DO SABER, 2021a, p.5).

Assim sendo, os objetivos propostos no documento, feito, *a priori*, para o período de suspensão das aulas presenciais, constitui parte da principal proposta de trabalho para a Educação no Município de Contagem da atual gestão da Prefeita Marília Campos<sup>7</sup>, desde 2020. Nesse documento afirma-se: “[...] tendo como foco das ações educativas o sujeito, busca-se a promoção de uma educação que contemple o desenvolvimento integral dos estudantes” (EDUCATIVO, 2020, p. 6). Desse modo, foi constituído o Referencial Curricular de Contagem, baseado em uma “formação integral dos sujeitos<sup>8</sup>”, inseridos em uma compreensão global e complexa do conhecimento, ou seja, em uma perspectiva transdisciplinar.

#### 4 Procedimentos metodológicos

Após a escuta e transcrição do *corpus*, optou-se por analisar o emprego dos pronomes pessoais de 1ª pessoa do singular “eu”, de 1ª do plural “nós” e o termo “a gente”, que é usado como pronome de 3ª pessoa do singular na linguagem coloquial, uma maneira informal de referir-se a “nós”. Para selecionar alguns excertos da entrevista para análise neste trabalho, partiu-se da localização de trechos que contivessem essa classe gramatical, tendo como

---

<sup>7</sup> Filiada ao Partido dos Trabalhadores (PT) e militante deste desde a década de 1980. Atual mandato: 1º janeiro de 2021 a 31 dezembro de 2024. Disponível em: <http://www.mariliacampos.com.br/perfil>. Acesso: 30 abril 2023.

<sup>8</sup> Caracteriza-se por uma educação que ocorre em todos os espaços, tempos e grupos sociais e que possui em seu bojo uma visão dos processos educativos para além do desenvolvimento cognitivo e da instrução formativa. Ou seja, uma educação que busca promover sociabilização, desenvolvimento humano mais completo e melhoria na qualidade de vida dos sujeitos (FERREIRA *et al.*, 2022, p. 33).

ferramenta teórico-analítica, a lente com qual se escolheu empreender a análise, a Heterogeneidade Marcada e Constitutiva segundo Authier-Revuz (1990).

Decidiu-se pela escolha dessa categoria de pronomes pessoais, observando o princípio de sua principal função, pois são substitutos de nomes e, conseqüentemente, podem identificar as pessoas do discurso e sua intenção comunicativa no discurso. É válido destacar que, segundo Lopes (2007), “Os gramáticos caracterizam os pronomes pessoais como indicadores universais das três pessoas do discurso: quem fala, com quem se fala e de quem/que se fala [...]” (LOPES, 2007, p. 3).

Como o *corpus* de análise é uma entrevista, em que transitam tanto a língua padrão quanto a linguagem coloquial, torna-se importante analisar os efeitos de sentido nos dois registros, o culto e o coloquial. Em nossa análise, consideramos que o termo “a gente” já é legitimado pelos falantes, embora ainda não tenha passado pelo processo de gramaticalização. Lopes (2007) orienta-nos sobre esta expressão, alegando que:

O falante utiliza preferencialmente o pronome nós, para se referir a ele mesmo e ao interlocutor (não-eu), ou a não-pessoa: referente [+perceptível] e [+determinado]. No momento em que o falante amplia a referência, indeterminando-a, há maior favorecimento para a forma a gente. Utiliza a gente também com o presente do indicativo, o infinitivo e o gerúndio, que são formas verbais características das enumerações de atos cotidianos, freqüentes [*sic*] ou até mesmo atemporais, associados aos discursos descritivo, argumentativo ou expositivo. Com a forma a gente, o falante se descompromete com o seu discurso, comentando assuntos gerais e não particulares (LOPES, 2007, p. 3).

Dessarte, como ponto de partida de nossa análise, quantificamos na entrevista, com duração de 1h.54’06”, conforme já destacamos, os pronomes falados pelo Sub-Secretário de Ensino do Município de Contagem/ MG, conforme observa-se na tabela abaixo:

Tabela 1 - Levantamento quantitativo de pronomes citados durante a entrevista.

<b>Pronome</b>	<b>Quantas vezes foram faladas</b>
Eu	236
Nós	102
“A gente”	215

**Fonte:** Elaborado pelas autoras.

Para que esta quantificação fosse feita, a entrevista falada 1h.54'06'' (SINPRO Minas, 2021) foi inteiramente transcrita. A forma de transcrição encontra-se detalhada, na sequência, pela Tabela 2. No entanto, não adotamos em nossa análise a inclusão de um *codebook*<sup>9</sup>, devido ao pequeno número de pronomes, que buscamos identificar, e por este sistema de notação, ser mais bem representado em transcrições naturalistas (GUAZI, 2021). Outra característica, é que nossa transcrição pode ser caracterizada como não naturalista apresentando-se, por isso, como uma transcrição mais polida e seletiva, em que “privilegia o discurso verbal e centra-se na omissão dos elementos idiossincráticos do discurso, tais como gaguez, pausas, vocalizações involuntárias e linguagem não-verbal, (AZEVEDO *et al.*, 2017, p.163)”.

É importante frisar que a AD, perspectiva teórica adotada nesta pesquisa, caracteriza-se, também, pela observação e transcrição da linguagem não verbal; o tom de voz, as pausas ou mesmo o silêncio no discurso. Contudo, nesta transcrição optamos em não inclui-la, porque estaríamos ampliando os efeitos de sentido para além do objetivo deste artigo, que é analisar o que foi dito e por quem foi dito, por meio apenas do uso dos pronomes pessoais selecionados. Vale ressaltar que este artigo é apenas um pequeno recorte de uma pesquisa de Mestrado em andamento, na qual aprofundaremos nossas análises para maiores reflexões.

Desse modo, para o alcance do propósito do artigo em questão, a metodologia utilizada, como ponto de partida, foi a transcrição gráfica da entrevista. Cientes de toda complexidade que é estudar e analisar a linguagem oral, salientamos que partilhamos da mesma interpretação de Azevedo *et al.* (2017), quanto aos métodos de transcrição:

[...] importa reconhecer que não há regras nem protocolos universais para realizar transcrições, bem pelo contrário, transcrever é uma tarefa bastante eclética, que exige que as pessoas envolvidas compreendam, estabeleçam e assumam um conjunto de princípios e práticas, na tentativa de harmonizar as transcrições e, conseqüentemente, evitar desperdícios de tempo, de trabalho e conflitos interpessoais (AZEVEDO *et al.*, 2017, p. 169).

Assim, para que conseguíssemos uma sistematização metodológica e como forma de garantir a cientificidade do estudo, foram feitos os seguintes procedimentos que estão compilados na tabela a seguir:

---

<sup>9</sup> “Sistema de notação, com vistas a uniformizar a representação de determinadas características da comunicação oral na forma escrita” (GUAZI, 2021, p. 11).

Tabela 2 – Procedimentos metodológicos para transcrição gráfica.

<b>Etapas</b>	<b>Programas Utilizados</b>	<b>Procedimentos</b>
1ª etapa	YouTube	Observação de toda a entrevista em modo legendado, fazendo uma escuta atenta aos diálogos feitos.
2ª etapa	YouTube	Exibição da transcrição de toda entrevista pelo programa do YouTube, por meio de ferramenta do próprio programa, na aba lateral direita.
3ª etapa	Word	A transcrição da entrevista na íntegra, incluindo todos os seus marcadores temporais, foi copiada e colada para o Word.
4ª etapa	YouTube/Word	Nesta etapa, utilizamos o áudio da entrevista em conjunto com a transcrição salva no Word, para que pudéssemos excluir qualquer fala que não fosse do sujeito, foco do estudo. Assim, as falas selecionadas foram mantidas na integralidade de sua pronúncia, sem que houvesse correções gramaticais.
5ª etapa	Word	Com o arquivo completamente “limpo” contendo apenas as falas do Sub-secretário de Ensino, foi feita a busca e quantificação, pela própria ferramenta do Word, dos pronomes pessoais que seriam o objeto de estudo.

**Fonte:** Elaborado pelas autoras.

Reiteramos que a tabela acima é um demonstrativo das etapas feitas para que chegássemos à sistematização dos procedimentos adotados na/para a transcrição. Contudo, não demonstram o número de vezes que a entrevista teve que ser assistida, pois era retomada sempre que houvesse necessidade.

## 5 Análise dos excertos

A partir da construção teórico-metodológica apresentada anteriormente, selecionamos algumas falas extraídas da entrevista. Os pronomes, materialidade linguística pela qual optamos

por operacionalizar a análise, foram destacados, para melhor visualização de sua inserção no discurso. Acreditamos que a escolha dessa classe gramatical será fundamental para que se consiga trazer os efeitos de sentido que estão intrínsecos no discurso. E, serão referenciados pela teoria pecheutiana, pois “[...] as palavras, expressões e proposições ganham seus sentidos das formações discursivas com as quais os sujeitos se identificam – sujeito e sentido se constituem mutuamente (DA ROSA, 2019, p.147)” e percebidos de acordo com a complexidade enunciativa da Heterogeneidade Marcada e Constitutiva de Authier-Revuz (1990).

**Excerto 1:**<sup>10</sup>

16:23 “(...) quando **a gente** traz uma concepção de que são sujeitos educandos que precisam estar na centralidade do processo pedagógico no processo educativo e **a gente** traz a educação integral pensando naquelas dimensões e nos eixos né da integralidade do conhecimento da integralidade do sujeito da gestão democrática e participativa da relação da escola com a comunidade com a cidade isso também tem que se traduzir em alguma forma nos instrumentos nos processos de avaliação que dependendo de como **eu** faço isso **eu** posso matar toda uma concepção e toda uma proposta não adianta **eu** fazer um discurso de uma prática extremamente avançado progressista né ou menos conservadora e tradicional e na hora de avaliar **eu** continuar a avaliando com os mesmos instrumentos ou usar a mesma régua para querer medir todo mundo sabendo que as pessoas são diferentes (...)”17:18

O termo **a gente** é utilizado de modo coloquial para substituir o pronome nós, nas frases do excerto 1 e excerto 2. Como se trata de uma entrevista no estilo “roda de conversa”, existe o predomínio da linguagem informal, e este termo é citado 215 vezes durante a entrevista. O uso desta expressão nas frases pode nos remeter a ideia de uma fala que não está só ou desacompanhada, podendo remeter a outras vozes e incluir essas outras vozes no discurso. Essa perspectiva é corroborada, também, quando observamos o uso do advérbio né citado em todos os 3 excertos trazidos para a análise. Logo, essa classe gramatical dentre seus diversos usos já sistematizados pela gramática normativa, compreende também “[...] o papel singular do advérbio né dá também certa autonomia fonológica, de contorno entonacional muito variado, a serviço do intuito comunicativo do falante (BECHARA, 2009, p. 290)”.

Assim, a expressão né trata-se da versão reduzida de “não é” e, de modo geral, tem por intenção comunicativa o reforço a uma afirmação, a necessidade de se confirmar algo dito anteriormente. Ademais, pode ser um vício de linguagem, quando utilizado de forma deslocada

---

<sup>10</sup> De modo a facilitar a visualização dos excertos analisados e também diferenciação entre excerto e citação direta com recuo, optamos por utilizar recuo de 2 cm à direita e à esquerda.

e repetida. Dessa maneira, o que se observa no excerto acima é a presença de um sujeito clivado, que ora se divide, em seu próprio discurso, sobre a concepção do conceito de Educação Integral e suas vertentes, e que é também compartilhado pela figura da instituição da qual o enunciador representa.

Essa perspectiva, de sujeito clivado presente na Heterogeneidade Mostrada Marcada, é materializada no discurso pela/com o uso do pronome **a gente** na alusão de inclusão de fala, que acompanha a necessidade da aprovação né do que foi dito e por quem foi dito, ou seja, existe neste excerto uma fala que é corroborada pelo enunciador por suas próprias escolhas lexicais, como meio de reforçar a perspectiva na qual acredita e a instituição que representa. Neste mesmo excerto, o enunciador faz uso do pronome **eu**, mas se observarmos a construção desta fala, percebemos que existe outro lugar de fala, não como Subsecretário de Ensino, mas, sim como a figura de professor. Assim, podemos inferir pela utilização do pronome em primeira pessoa do singular que o enunciador traz seu próprio entendimento sobre os processos avaliativos dos quais preconiza/preconizou, porém na qualidade de eu docente.

### Excerto 2

38:27 “(...) o Currículo é isso né a gente tem os documentos oficiais é claro que **a gente** não tá negando esses documentos **a gente** tem a Base Nacional Comum Curricular Comum **nós** temos o Currículo Mineiro em Contagem **nós** temos nossos referenciais curriculares **nós** temos os cadernos de educação infantil né que aí tem outra dimensão e o que que **nós** falamos nesse documento que assustou algumas pessoas o nosso planejamento pedagógico não é a partir dos objetivos de aprendizagem da BNCC e algumas pessoas ficavam sem chão quando **nós** dissemos isso aí falando vocês estão não o nosso planejamento curricular é a partir do sujeito a partir das experiências desse sujeito ainda mais dessas experiências em tempo de pandemia e a partir dessas desse sujeito é que **nós** vamos pensar em temas e conteúdos que vão ser elencados lá na BNCC e nos referenciais de Contagem e no currículo mineiro mas porque se não **a gente** faz todo planejamento e acha que o sujeito tem que ser submetido a uma lista de conteúdos e **eu** desconsidero que sujeito é esse o que que ele vive ele teve perdas nesse processo da pandemia? Qual é que é a a questão emocional que **nós** estamos vivendo? Então é isso **nós** valorizamos **eu** tenho muitas críticas a BNCC, mas ela é o documento oficial e enquanto gestor **eu** tenho que entender que tem um marco legal e **a gente** vai sim fazer a relação (...)” 39:54

O pronome pessoal de 1ª pessoa do singular **eu** é dito nos excertos 1, 2, 3 e repetido 236 vezes durante a entrevista e, a nosso ver, funciona como um marcador de individualidade, como tentativa de representar uma única voz neste discurso, consciente ou inconscientemente. É

utilizado para referir-se a si mesmo como sujeito da oração ou da ação. Neste excerto 2, especificamente, percebemos claramente o viés ideológico traçado no discurso, feito por um sujeito dividido, em cujo discurso existem posições distintas, e que deixa claro sua posição contrária a certos direcionamentos preconizados pela BNCC<sup>11</sup>. Evidencia-se também, a particularidade do documento apresentado na entrevista e que segundo o enunciador “o nosso planejamento pedagógico não é a partir dos objetivos de aprendizagem da BNCC [...] o nosso planejamento curricular é a partir do sujeito”. O trecho trazido acima demonstra certo distanciamento, ou mesmo a não concordância com o que é regulamentado nacionalmente, e que ao olhar do enunciador traz desencontros com a proposta do documento apresentado e da atual gestão a qual representa.

Contudo, não fica completamente explícita se este é um apontamento meramente individual ou traz em si um discurso representativo de toda a Secretaria de Educação. Podemos observar a presença da Heterogeneidade Constitutiva deste discurso, visto que por mais que se tenha o marcador de individualidade **eu**, percebemos, até pelo cargo representativo que o enunciador ocupa, que existem outras vozes ou formações discursivas neste espaço discursivo. Todavia, quando a escolha pronominal é feita em 1ª pessoa com o uso do pronome **eu**, conscientemente existe uma ilusão de controle do que é dito, de acreditar estarmos exteriorizando o que pensamos, sem dar-nos conta de que as diversas vozes discursivas intrínsecas ao nosso discurso emergem aqui e acolá.

### Excerto 3

1:04:12 “(...) projetos na educação não são projetos neutros eles são também disputa de narrativas e disputas políticas o Miguel Arroyo fala né que o currículo é um território em disputa então **nós** estamos fazendo uma disputa aberta e democrática por uma concepção **eu** digo por exemplo que é uma concepção diferente do MEC atualmente diferente completamente e que não é só diferente não é antagônica porque **nós** não vamos essa proposta não cabe discutir escola Círculo Militar nessa proposta não cabe o debate do escola sem

---

<sup>11</sup> A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) foi instituída pelo art. 210, na Constituição da República Federativa do Brasil em 1988. Período este, pós-ditadura militar, em que o país era governado pelo então Presidente da República José Sarney, político filiado ao Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) fundado em 1966 e que, oficialmente, na atualidade, configura-se como Movimento Democrático Brasileiro (MDB). Desde então, houve diversos marcos temporais, históricos e políticos que compuseram a atual BNCC, bem como sua última homologação datada em 14 de dezembro de 2018, pelo então governo de Jair Bolsonaro, diplomado presidente em 10 de dezembro de 2018, filiado ao Partido Social Liberal (PSL). Disponíveis em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/historico>. <https://www.mdb.org.br/conheca/historia/>>. Acesso em: 30 abril de 2023.

partido e nessa proposta não cabe o conteudismo não tô falando de conteúdo eu tô falando de conteudismo que é diferente (...)” 1:05:05

E por fim, o pronome pessoal de 1ª pessoa do plural **nós** é repetido 102 vezes durante a entrevista e citado nos excertos 2 e 3. Assim como o termo **a gente**, o pronome **nós** dito neste excerto, faz referência ao sujeito cindido, do qual percebemos uma separação ou divisão entre a fala e a pessoa que é responsável pela enunciação. Ao utilizar o pronome **nós**, o enunciador expressa sua opinião ou percepção, que além de ser de si, remete também a outras pessoas ou fontes no discurso. Por outro lado, este sujeito cindido, o enunciador, expressa de forma clara e categórica a discordância sobre as políticas educacionais federais já consolidadas, ao trazer, principalmente, a palavra “antagônica” para traçar um paralelo do que é preconizado como currículo pelo MEC em contraponto ao currículo proposto pela Prefeitura de Contagem/MG, a qual o enunciador representa.

Desse modo, apesar de **nós** ser linguagem formal e normativa prevista gramaticalmente para a representação da pluralidade de vozes discursivas, neste último excerto, percebemos não somente pelo uso dos pronomes, mas, inclusive pelas escolhas feitas pelo enunciador, o seu lugar de fala. Os exemplos utilizados, pelo próprio enunciador, trazem o entendimento que, projetos propostos na Educação não são equânimes ou tampouco imparciais, como no trecho “projetos na educação não são projetos neutros eles são também disputa de narrativas e disputas políticas”. Neste trecho, é feita uma afirmação, que posteriormente é corroborada nesse mesmo discurso, pelo enunciador, quanto este cita Miguel Arroyo, como forma de endossar sua fala. Assim, observamos o “assujeitamento” e a resignificação do já dito, neste caso a referência feita a Miguel Arroyo, autor de renome na Educação, trazido de forma consciente e ideológica como forma de indicar uma oposição a certos aparatos ideológicos do Estado.

Antes de concluir este breve gesto analítico, cabe ressaltar que se observou, como em todo discurso, formações discursivas, atreladas ao que (não) pode e (não) deve ser dito em dado momento sócio-histórico-ideológico, em determinado lugar de fala. Trata-se de uma pessoa pública, que parte do princípio da representatividade de um coletivo. No entanto, não há neutralidade em suas falas, sua perspectiva ideológica é notadamente contrária ao que é proposto em uma Educação dita mais tradicional, pois são referenciados mecanismos ideológicos como “MEC” e “escola de círculo militar”. Podemos depreender que existe nas falas deste enunciador um discurso que contrapõe a ideologia do que é proposto em âmbito Federal na/para a Educação. Isso fica evidente, também, quando trazemos o que reconhecemos



na AD, por condições de produção, apresentadas anteriormente e que retornamos de forma mais explícita a seguir.

Na AD, as condições de produção referem-se aos elementos do contexto social, histórico e político em que esse discurso foi produzido. Dessa maneira, consideramos que o discurso não é produzido em um vácuo, mas sim influenciado por uma série de fatores contextuais que devem ser levados em consideração para se compreender completamente o seu significado (MUSSALIM, 2001). Logo, ao contextualizarmos o período em que a entrevista foi gravada, em uma macro escala, constatamos um período pandêmico de muitas incertezas, a administração dos aparatos do Estado feita de forma arbitrária e imprudente, a figuração de um chefe de Estado que estimulava o militarismo e posturas antidemocráticas, a dualidade de partidos, dentre outras questões.

E, ao contextualizarmos a entrevista em uma microescala, sabemos que ela foi apresentada no Sindicato dos professores do estado de Minas Gerais, ou seja, em um ambiente ideológico, político e partidário. Ademais, não há possibilidade de um discurso isento de ideologia e, no caso da entrevista isso é devido à posição que o próprio enunciador ocupa, de representante da educação, de representante do município e, também, de representante de seus ideais como sujeito em seu lugar de fala.

## 6 Algumas considerações

O discurso falado e escrito é a produção de sentidos, de significados, e se torna uma prática política pela forma que estes sentidos são produzidos. Assim, discursar é colocar a palavra em movimento. Na AD de vertente francesa, como já vimos neste artigo, o discurso é visto como uma prática social que é influenciada por fatores sociais, históricos e políticos. Nessa perspectiva analítica, o discurso é considerado uma forma de ação, que é utilizada pelos sujeitos para construir e mediar significados em contextos específicos, e não é apenas uma forma de comunicação, mas também um exercício de poder.

Assim, este artigo objetivou analisar os dizeres oficiais, feitos pelo Subsecretário de Ensino do Município de Contagem/MG em entrevista transmitida ao vivo pela plataforma do YouTube em 14 de julho de 2021, para apresentar o documento *Trilha do Saber*. Por meio da materialidade linguística do *corpus* selecionado, de conceitos da AD de base Pechêutiana e os construtos de Heterogeneidade Mostrada e da Heterogeneidade Constitutiva, esta análise partiu

do pressuposto que existem convicções ideológicas intrínsecas nas falas do enunciador ao apresentar o documento.

Percebemos, por meio das diversas análises empreendidas, que os diversos sujeitos constituintes nos/dos construtos de Heterogeneidade Mostrada e da Heterogeneidade Constitutiva, trazidos por Authier-Revuz, se faziam presentes em todo o discurso. O sujeito é *persona* ampla e complexa, e mesmo sendo todas as suas representações, pode ser externado; ora como um sujeito clivado, ora como um sujeito dividido, e ora como um sujeito cindido, todos por um mesmo enunciador. Um discurso marcado pela própria heterogeneidade de seus lugares de fala, em que este traz concepções de sua individualidade; de seu cargo público, de sua formação docente, de sua identidade partidária, de suas convicções ideológicas, que são alternados pela tentativa da representação de todo um coletivo.

Isso posto, compreendemos que as escolhas trazidas pelo enunciador, seja pela repetição dos termos pronominais, seja pelas escolhas adjetivadas ou pela decisão (in)consciente das palavras utilizadas, nos mostrou que seu discurso pode representar um todo, um coletivo, mas, primeiramente, este representa a ideologia à qual ele se filia. E, a forma como esse discurso movimentou os efeitos de sentido de seu lugar de fala, o tornou uma prática ideológica, lembrando que não há discurso isento de ideologia.

## Referências

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade (s) enunciativa (s). **Cadernos de estudos linguísticos**, v. 19, p. 25-42, 1990.

AUTHIER-REVUZ, **Palavras incertas**: as não-coincidências do dizer. Campinas/SP: Unicamp, 1998.

AZEVEDO, Vanessa et al. Transcrever entrevistas: questões conceituais, orientações práticas e desafios. **Revista de Enfermagem Referência**, v. 4, n. 14, p. 159-167, 2017.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. rev., ampl. e atual. conforme o novo acordo ortográfico. – Rio de Janeiro – Nova Fronteira, 2009.

BNCC. Base Nacional Comum Curricular. **Página Governamental**. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/historico>. Acesso em: 30 abril de 2023.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. Introdução à análise do discurso. *In*: **Introdução à análise do discurso**. 2009.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade.** Trad. Heloísa P. Cintrão e Ana Regina Lessa. São Paulo: Edusp, 1998. 392p. **Boletim Goiano de Geografia**, v. 27, n. 3, p. 173-181, 2013.

DA ROSA, Vinícius Nobre; VINHAS, Luciana Iost. Entre a gente e elas: uma análise discursiva dos dizeres de uma apenada. **Gláuks-Revista de Letras e Artes**, v. 19, n. 1, p. 140-157, 2019.

EDUCATIVO, Contagem. **Contagem Educativo Minas Gerais 2020.** Prefeitura Municipal de Contagem. 1ª ed. Contagem: Editora Formato 2, 2020.

FERREIRA, Arthur Vianna; SIRINO, Marcio Bernardino; MOTA, Patrícia Flavia. **A contribuição da pedagogia e educação social para a formação integral do sujeito.** Paco e Littera, 2022.

GUAZI, Taísa Scarpin. Diretrizes para o uso de entrevistas semiestruturadas em investigações científicas. **Revista Educação, Pesquisa e Inclusão**, v. 2, 2021.

LABOISSIÈRE, Paula. OMS declara fim da emergência em saúde por covid-19. **AGÊNCIA BRASIL**, 2023. Disponível em: Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2023-05/oms-declara-fim-da-emergencia-em-saude-por-covid-19>. Acesso em: 10 maio 2023.

LOPES, CR dos S. Pronomes pessoais. **Ensino de gramática: descrição e uso.** São Paulo: Contexto, v. 1, p. 103-114, 2007.

MARÍLIA CAMPOS. **Página Institucional.** Marília Campos Deputada Estadual, 2019. Disponível em: <http://www.mariliacampos.com.br/perfil>. Acesso: 30 abril 2023.

MDB, Movimento Democrático Brasileiro. **Página Institucional.** Disponível em: <https://www.mdb.org.br/conheca/historia/>. Acesso em: 30 abril de 2023.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do discurso. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**, v. 2, n. 2, p. 101-142, 2001.

OLIVEIRA, Giovane Fernandes. A enunciação em Michel Pêcheux: uma questão inquietante. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, v. 15, p. 267-296, 2020.

OMS. **Página Institucional.** Disponível em: [Perguntas y respuestas sobre la enfermedad por coronavirus \(COVID-19\) \(who.int\)](https://www.who.int/news-room/qa-detail/covid-19). Acesso em: 07 maio de 2021.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do discurso: princípios e procedimentos.** 8a ed. Campinas, SP: Pontes, 2009.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso. In: GADET, F. E HAK, T. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de M. Pêcheux.** Campinas: Editora da Unicamp, 1990

SINPRO Minas. Trilha do Saber: a experiência pedagógica no ensino remoto de Contagem. Belo Horizonte: SINPRO Minas, 14 jul 2021. 1 vídeo (1h. 54'06''). Publicado por SINPRO

Minas. Disponível em:  
[https://www.youtube.com/watch?v=LeIzIU0pvlk&t=361s&ab\\_channel=SinproMinas](https://www.youtube.com/watch?v=LeIzIU0pvlk&t=361s&ab_channel=SinproMinas). Acesso em: 20 jul. 2022.

SIQUEIRA, V. **Análise do Discurso**: Conceitos Fundamentais de Michel Pêcheux. Mauá, SP: Edição do Autor. 2017

TRILHA DO SABER. **Trilha do saber**: documento orientador para o planejamento de atividades remotas/Subsecretaria de Ensino. Contagem: SEDUC, 2021a.